

MEMÓRIAS DE UMA EDUCADORA DA CIDADE DE CODÓ-MA¹

Kelly Almeida de Oliveira²

Docente do curso de Pedagogia da UFMA, Campus VII, Codó.

Jessyane Kely dos Santos Guimarães³

Discente do curso de Pedagogia da UFMA, Campus VII, Codó.

Maria Suzana Almeida da Silva⁴

Discente do curso de Pedagogia da UFMA, Campus VII, Codó.

Universidade Federal do Maranhão - Campus VII, Codó.

Resumo: Este artigo relata a importância do resgate da memória de professores e suas práticas docentes. Nesse contexto, apresenta-se como objetivo, promover estudos sobre os professores codoenses, e com isso valorizar os significados de ser professor. Para tanto, entrevistou-se uma professora normalista, que nasceu e cresceu na cidade de Codó-MA sobre as dificuldades encontradas ao longo da caminhada de sua formação como professora. Por isso, o objetivo geral é descrever as contribuições significativas do trabalho exercido pelas professoras normalistas no município. Além de distinguir as mudanças ocorridas no início da carreira docente até os dias atuais, contribuir para com as futuras pesquisas que venham ser desenvolvidas diante da importância que tem essas professoras no quadro Educacional de Codó-MA. Diante disso, é importante que todos valorizem o profissional que formou-se Normalista.

Palavras-chaves: Memórias. Educação. Normalista.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos a busca de compreensão e valorização das memórias dos professores e suas práticas docentes proporcionaram pesquisas relevantes sobre sua vida e seu cotidiano em sala de aula. Essas pesquisas instigaram novos olhares sobre os educadores voltando-se assim para o reconhecimento dos mesmos (TIMBÓ, 2004). Os significados que são estabelecidos com relação às lembranças dos professores e suas práticas docentes nos deixam saber o que eles ponderam sobre a escola e a educação, sobre ensinar e aprender, bem como também as dificuldades encontradas nessa profissão e sua valorização, não esquecendo também dos seus medos, anseios e sonhos, pois são várias as lembranças que precisam ser conhecidas, para que com isso se possa realmente compreender o mundo de formação, onde os professores estão inseridos e o verdadeiro sentido que ser professor implica no decorrer de sua carreira docente (ANTUNES, 2001).

¹ Este trabalho foi realizado para obtenção de nota na disciplina História da Educação sob a orientação da Professora Ma. Kelly Almeida de Oliveira no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, Campus VII - Codó-MA.

² Pedagoga e Mestra em Cultura e Sociedade (UFMA). Email: kell.oli@hotmail.com; ka.oliveira@ufma.br.

³ Email: kelly.jjz.jjj@gmail.com.

⁴ Email: msa2.silvaesilva@gmail.com.

A relevância dessas pesquisas sobre os professores promovem estudos sobre suas memórias, e com isso valorizam a ideia que se tem do que é ser professor, pois por mais que haja muitos estudos sobre a importância do resgate da memória de professores, na maioria das vezes passam despercebidas, mas apesar disso, essas vivências que os professores tiveram ao longo de sua formação, são pontos que precisam ser levados em consideração, quando proposto um trabalho sobre a memória de professores (*Ibid*).

Por isso é importante resgatar a memória das professoras normalistas da cidade de Codó-MA e suas práticas docentes, tem como objetivo analisar como era sua vida, quais dificuldades encontraram em sua trajetória e os méritos alcançados.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Memória é adquirir experiências, poder retransmiti-las e com isso possibilitar novos olhares diante do que está sendo lembrado, a fim de transmitir para as novas gerações suas vivências e aprendizagens que foram fundamentais para a construção do seu conhecimento. Em outras palavras, para Von Sisom (2000, p.14), memória é “*a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, textos etc.)*”. Neste contexto, a memória é vista como algo individual, na qual o indivíduo é capaz de se referir às suas próprias vivências e experiências, onde também podem ser encontradas memórias de um grupo social.

Sendo assim, a construção da memória individual, é a junção da memória de diferentes grupos sociais na qual está inserida. Então um mesmo indivíduo faz parte de dois tipos de memória (individual e coletiva), e isso se a partir do momento que para o funcionamento da memória individual, não é possível sem esses instrumentos que podem ser palavras ou ideias que não foram inventadas por eles, mas que são fundamentais para a construção dessa memória (HALBWACHS, 2006.p.72).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O município de Codó-MA foi fundado em 16 de Abril de 1954, fica a 292 km da Capital Maranhense (São Luís), no seu período colonial foi grande produtor de algodão, com isso participou

ativamente do processo de industrialização do Estado, através da fábrica de manufatureiras. Hoje em dia, Codó se destaca na área agrícola, com a produção de arroz, mandioca, milho e feijão.

Codó tem como características arquitetônicas seus Casarões e armazéns antigos, como a Prefeitura (1896), Estação Ferroviária (1920), Ofício de Registro Civil (1910). O município é cortado por córregos, como o Riacho Água fria, São José e por três rios: o Rio Itapecuru, Codózinho, e Saco (DIÁRIO DE CODÓ, 2013). Neste ambiente, nasceu Maria Judith Dias Salazar, onde atuou como professora e hoje exerce a função de Coordenadora do Programa Brasil Alfabetizado na cidade de Codó-MA.

Nascida em vinte e nove de abril de mil novecentos e quarenta e três, às 19h00min, na zona rural Olho D'água, no município de Codó-MA, bisneta de dono de escravo e uma escrava, neta de lavradores, e filha de Joana Batista Dias e Everisto da Rocha Dias, a professora normalista Judith assim se expressa sobre sua vida estudantil:

Quando meu pai era vivo, ele me colocou na escola Colares Moreira. Naquela época era exigido uniforme, que era uma blusa, saia, gravata, meia e sapato, tinha que comprar caderno, lápis, livros, ter dinheiro para o lanche que se vendia na cantina da escola, e meu pai com o pouco que ganhava conseguiu me matricular e fazer com que eu permanecesse na escola (Informação verbal)⁵.

Após a morte de seu pai, sua mãe não tinha condições de arcar com as despesas existentes e como consequência Judith parou de estudar por algum tempo, e foi ajudar sua mãe. Havia uma tia sua que não gostou de saber que Judith estava lavando roupa para conseguir dinheiro, e conversou com sua mãe para que ela voltasse a estudar, pois a mesma tinha condições, e iria arcar com as despesas, e afirmou que nunca mais Judith iria andar com trouxas de roupas na cabeça, pois ela era capaz de ter um futuro melhor se voltasse a estudar.

Eu casei com 16 anos, o nome do meu esposo era Agenor Costa Salazar, depois do meu casamento fomos morar em um interior, tivemos 16 filhos, porém criamos apenas oito, e os demais vieram a óbito. Dentre esses que estão vivos três se tornaram professores. No período em que morei no interior passei a dar aulas e lá trabalhei durante dezoito anos (Informação verbal)⁶.

⁵ Relato autobiográfico da professora Judith.

⁶ Relato autobiográfico da professora Judith.

Hoje em dia, Judith tem 73 anos, 50 deles como professora, além de ser escritora, compositora e poetisa. Contribuiu significativamente para a formação de muitos jovens codoenses, e até hoje reside na cidade de Codó-MA, na AV. Marechal Castelo Branco.

3.1 Judith como professora

Em 1966, fazia-se um teste na casa do prefeito da cidade, e quem obtivesse êxito, seria nomeado professor (a). Aos 23 anos, Judith fez esse teste e ao obter um excelente resultado foi nomeada professora leiga. Em seguida, foi para o interior de Sítio Novo e depois Lago da Pedra e na zona rural ensinou por 18 anos.

Durante o tempo em que ministrei minhas aulas no interior, nós tínhamos uma mesa, porque nós professores mandávamos fazê-la, as crianças sentavam em bancos de madeiras ao redor dessa mesa para fazer as atividades, e tudo ocorria conforme o calendário escolar. Para mim, dia 07 de setembro era igual na cidade e eu até organizava desfiles. E só por volta dos anos 80 é que ganhamos cadeiras para os alunos, mas para mim isso não importava, pois para que ocorra um aprendizado é preciso comprometimento dos professores, e eu dava meu melhor, levando o aluno a refletir sobre o que eu estava ensinando (Informação verbal) ⁷.

Quando Maria Judith voltou para a cidade, seu objetivo não era apenas ser uma professora leiga, mas sim estudar e fazer magistério. Foi o que ela fez. Logo surgiu uma grande oportunidade com o Projeto Logos II, “que era um projeto que buscava formar professores leigos no segundo grau e habilitava para o magistério” (GOUVEIA, 2016.p.13). E é por meio desse projeto que ela tem sua formação.

Uma das práticas que ela utilizava com os alunos era que ao ensinar o alfabeto, mostrava as letras para as crianças. Em seguida, em uma caixa com areia ela pedia aos mesmos que desenhasse utilizando seu dedo a letra que foi mostrada, depois disso, eles partiriam para escrever a letra em uma folha. Outro método utilizado por ela era que quando os alunos não conseguissem fazer as letras, ela dava exemplos de objetos que se pareciam com a letra, exemplo, da lua se fazia o “C”, da escada o “H”, “E”, e a letra “I”, e assim ela conseguia alfabetizar seus alunos.

⁷ Id.

Quando perguntamos o porquê de Judith ser professora, ela respondeu o seguinte:

Eu sempre tive isso comigo, já nasci com isso de gostar de repassar para as pessoas aquilo que sei. Então desde criança eu sempre quis ser professora para repassar conhecimento aos que dele precisam, se eu aprendo algo não quero guardar só para mim, quero deixar para alguém também. Então o pouco que sei gosto de repassar para os outros, sempre tive essa ideia (Informação verbal)⁸.

Maria Judith tem muitas músicas, versos e a memória de Codó toda escrita. Ela acredita que ainda vai conseguir lançar seu livro. Além disso, possui umas oito músicas de carnaval e outras mais. Sempre que vai a algum evento fica observando tudo o que as pessoas estão falando e no final consegue dizer tudo o que foi falado através de versos.

Para Judith, entre ser professor e ser educador tem suas diferenças. O professor é aquele que só passa a matéria, ou seja, o conteúdo. Por outro lado, o educador é aquele que prepara a pessoa para a vida. O professor é para ser um ser pensante, não é para ensinar só aquilo que já vem pronto, mas deve ter a ideia de procurar o melhor método para a criança aprender.

Na opinião de Judith, a cidade de Codó-MA, ainda deixa muito a desejar no campo da educação, embora tenha mudado um pouco. Hoje em dia há cursos técnicos, faculdades, universidades, e tem muitas pessoas que se formam aqui mesmo, coisa que na sua época não tinha, o que falta na cidade é o compromisso com a educação infantil, e quando for dado o devido valor a esse campo educacional, as coisas com certeza irão mudar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar sobre a vida da Professora Maria Judith Dias Salazar, além de ter sido um trabalho muito proveitoso, poderá contribuir para a formação de diversos professores e enriquecer os conhecimentos dos leitores em relação ao papel de um verdadeiro educador na sociedade.

Apesar dos esforços para a construção desse artigo sobre memórias de professores, foi também prazeroso poder conhecer a história de mais uma educadora codoense, que deixou sua marca na educação como alguém que ainda hoje sonha com a melhoria da mesma, porém muitos fatos sobre essa educadora ainda podem ser pesquisados, como por exemplo, suas obras que não foram divulgadas, mas que possuem conteúdos relevantes, para que se possa dar continuidade e novos encaminhamentos para esse estudo.

⁸ Relato autobiográfico da professora Judith.

Referências

ANTUNES, Helenise Sangoi. *Ser aluna, ser professora: uma aproximação das significações sociais instituídas e instituídas ao longo dos ciclos de vida pessoal e profissional*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

Diário de Codó. *História de Codó (MA)*. 2013. Disponível em: <<http://diariodecodo.blogpost.com.br/p/blog-page.html>>. Acesso em 22/08/2016 às 10h33min.

GOUVEIA, Cristiane Talita Gromann de. *O projeto Logos II em Rondônia: a implantação do projeto-piloto e as mudanças em sua organização político-pedagógica*. 2016. 157f. Dissertação de Mestrado- Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Instituto de Biociências (Campus de Rio Claro).

MESQUITA, Ilka Miglio de; Fonseca, Selva. Formação de professores de história: experiências, olhares e possibilidades. *Revista de história Unissinos*. Minas Gerais, V.10, n.3, p.333-343, set/dez, 2006.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.p.72.

TIMBÓ, Isaíde Bandeira. *Memória e história oral de vida: formação docente em questão*. In: V encontro Nordestino de História, V Encontro Estadual de História. Recife, 2004.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. *Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento*. Augusto Guzzo Revista Acadêmica. 2000. Disponível em: <<file:///C:/Users/usuario/downloads/57-196-1-PB-PDF>>. Acesso em 13/08/16 às: 09hs19min.